

Snor e raça: alcançando o pódio

O papel da mulher nos Jogos Olímpicos deve ser o mesmo das Olimpíadas da Antiguidade, ou seja, premiar os homens vencedores com a coroa de louros.

Barão de Coubertin

A descabida afirmação foi feita em 1935 pelo fundador dos atuais Jogos Olímpicos (1896), o barão de Coubertin, e contrapõe-se, quase 70 anos depois, à expressiva marca de 44% de participação feminina nas últimas Olimpíadas, realizadas em 2004, na cidade de Atenas, Grécia. Esses sinalizadores antagônicos simbolizam uma importante vitória no universo esportivo.

Nas Olimpíadas de Atenas, o Brasil foi representado por 122 mulheres, num total de 247 atletas. Dos espaços comumente reservados ao feminino pela sociedade até os pódios olímpicos há um longo e peculiar trajeto. Para as afro-descendentes, esse percurso teve início em 1948, nos jogos de Londres, com a velocista Melania Luz, primeira atleta negra do Brasil a participar de Olimpíadas. Recordista brasileira e sul-americana dos 100 e 200 metros, foi também a primeira mulher a pertencer ao quadro de atletismo do São Paulo Futebol Clube.

Nas Olimpíadas seguintes, realizadas em Helsinque, em 1952, as paulistas Deise Jurdelino de Castro e Wanda dos Santos foram duas das cinco mulheres que integraram a delegação brasileira. Ambas bateram recordes sul e pan-americanos na década de 1950. Contam que, na Finlândia, "as simpáticas atletas anfitriãs não resistiram a passar os dedos na nossa pele, pois lá só se viam negros no cinema". Essas ágeis velocistas correram e saltaram com maestria para inscrever seus nomes na história do esporte nacional. Wanda dos Santos, considerada uma das maiores atletas brasileiras de todos os tempos, foi também a única mulher a representar o Brasil nas Olimpíadas de 1960, em Roma.

Em Tóquio, quatro anos depois, a niteroiense Aida dos Santos conseguiu a quarta colocação na prova de salto em altura, marca que durante 32 anos garantiu a essa atleta o lugar de detentora do melhor resultado feminino alcançado pelo Brasil em Olimpíadas. Faz-se importante registrar que o feito ainda não foi superado por outra brasileira em competições olímpicas

individuais. Única mulher a integrar a delegação de 1964, conquistou a marca com muito esforço, pois mesmo contida não contou com o mínimo apoio dos dirigentes e companheiros brasileiros. Aida dos Santos também participou dos Jogos Olímpicos de 1968, no México.

Outras premiadas desportistas do mesmo período foram: a recordista fluminense em salto a distância Carmosina Reis do Carmo, e a gaúcha Erica Lopes da Silva, medalha de bronze na categoria quatro por cem metros, no Pan-Americano realizado em São Paulo, em 1963.

O pioneirismo dessas atletas engrandeceu a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos, estimulou as mais jovens e abriu caminho para a presença cada vez maior de esportistas negras nas principais competições internacionais. As três últimas Olimpíadas contaram com várias afro-descendentes que elevaram o desempenho do atletismo brasileiro. Dentre elas estão: Adriana de Souza, Carmen de Oliveira, Cleide Amaral, Cleuza Maria Irineu, Ednalva Laureano, Marily dos Santos, Elisângela Maria Adriano, Euzinete Maria Reis, Josiane da Silva Tito, Kátia Regina de Jesus Santos, Keila da Silva Costa, Luciana Alves dos Santos, Luciana de Paula Mendes, Lucimar Aparecida Moura, Malia de Paula Machado, Solange Cordeiro de Souza e Tathiana Regina Ignácio.

Sem que haja confirmação documental, conta-se que, em 1979, um grupo de judocas brasileiras teria se inscrito com nomes masculinos no Campeonato Sul-Americano, na Argentina, pois ainda vigorava o decreto nº 3.199 do período ditatorial varguista. Essa determinação proibia às mulheres a prática de alguns esportes no Brasil, entre eles o judô. As primeiras competições oficiais brasileiras aconteceram logo depois, em 1980, década em que surgiu no cenário desportivo nacional a lutadora Soraiá André. Anos depois, em 1987, essa atleta paulista da categoria peso-pesado conquistou a medalha de ouro no Pan-Americano de Indianápolis, EUA, e representou as cores brasileiras por duas vezes nos tatames olímpicos, em Seul, Coreia (1988), e Barcelona, Espanha (1992).

Nas Olimpíadas seguintes quem lutou pelo Brasil foi a judoca parabana Edinanci Silva, medalha de ouro no Pan-Americano de Santo Domingo, em 2003. As afro-brasileiras já alcançaram algumas das mais importantes posições nos campeonatos nacionais e internacionais de judô feminino. Denise de Oliveira foi tricampeã mundial na categoria master, e Juliana Couto Rodrigues foi tricampeã pan-americana na categoria júnior. Somam-se a esses nomes as campeãs brasileiras Rosângela da Silva Conceição e Viviane de Oliveira.

As primeiras esportistas negras a serem premiadas nas Olimpíadas pertenciam às equipes de basquete e vôlei feminino, que conquistaram respectivamente as medalhas de prata e de bronze nos Jogos de Atlanta, EUA, em 1996.

A prata do basquete foi conquistada pelas jogadoras afro-descendentes: Alessandra Santos de Oliveira, Cintia Silva dos Santos, Claudia Maria Pastor, Janeth dos Santos Arcain, Leila de Souza Sobral, Marta de Souza Sobral e Roseli do Carmo Gustavo. A paulista Janeth dos Santos Arcain, conhecida como a "princesa do garrão", esteve em quatro Olimpíadas e foi considerada a maior cestinha de todas as seleções na história do basquete olímpico. Em 2000, na virada do século XX, os jogos foram realizados em Sydney, Austrália, onde a seleção feminina de basquete contou com outras três atletas negras para mais uma vez subir ao pódio e receber desta vez, a medalha de bronze: Adriana Moisés Pinto, Claudia Maria das Neves e Kelly da Silva Santos.

O vôlei inaugurou para o Brasil a participação de equipes femininas nos Jogos Olímpicos. Um grupo de jogadoras competiu pela primeira vez em Moscou, em 1980. Dezesseis anos depois alcançou a terceira melhor posição do mundo em sua modalidade. As três afro-descendentes que compartilharam a alegria de receber a medalha de bronze, até então inédita, foram: Hélia Rogério de Souza, Hílma Caldeira e Mária Cunha. A levantadora paulista Hélia, a célebre Forão, é detentora do maior número de prêmios e uma das mais assíduas e triunfantes presenças do vôlei feminino em competições internacionais. Ao longo das últimas duas décadas, juntaram-se, temporária ou permanentemente, a essa tão valorosa seleção, as esportistas: Ana Beatriz Francisco das Chagas, Arlene de Queiroz Xavier, Fabiana Marcelino Claudino, Janina Déia Chagas da Conceição, Raquel Peluci Xavier da Silva, Valeska dos Santos Menezes, Walewska Moreira de Oliveira (Wali) e Welissa Gonzaga (Sassá). Faz-se importante registrar que, em Atenas (2004), a equipe de vôlei feminino foi majoritariamente constituída por atletas afro-brasileiras.

Vergonhosamente o país do futebol vetou a participação das mulheres nos gramados até 1981, ano em que foi definitivamente revogado o decreto que proibia o futebol feminino no Brasil. Mas nem só de verde e amarelo se reveste o preconceito sexista nos esportes. Somente nos Jogos de Atlanta, em 1996, o futebol feminino foi incluído nos torneios olímpicos. A seleção canarinho partiu para a estreia nos campos norte-americanos com oito jogadoras negras, representando 50% do grupo. São elas: Delma Gonçalves (a aclamada atacante Pretinha), Kátia Cilene Teixeira da Silva,

Mariléia dos Santos, Miraildes Maciel Mota (a meio-volante Formiga), Roselane Camargo Motta, Roseli de Belo, Sisleide Lima do Amor e Tânia Maria Pereira Ribeiro. Quatro dessas sportistas permaneceram na seleção brasileira nos dois jogos olímpicos subsequentes: Pretinha, Formiga, Roseli e Tânia.

Desde a primeira formação, a equipe brasileira vem alcançando significativas posições entre os melhores times de futebol feminino do mundo. Diversas vezes campeãs sul-americanas, conquistaram o terceiro lugar na Copa do Mundo Feminina de 1999, nos Estados Unidos, e a medalha de prata em Atenas (2004). A delegação canarinhã vem agregando e reunindo talentos afro-brasileiros em campo: Aline Pelegrino, Andréia dos Santos (Maycon), Ariana Aparecida Martins, Cristiane Rozeira de Souza e Silva, Daniela Alves Lima, Elaine Estrela Moura (Baiuca), Grazielle Pinheiro Guimarães Nascimento, Kelly Cristina Pereira da Silva, Leda Maria Cozer, Marta Vieira da Silva, Mônica Angélica de Paula, Renata Aparecida da Costa e Rosana dos Santos Augusto.

As Olimpíadas realizadas em Sydney (2000), marcaram a estreia de atletas afro-brasileiras em diferentes modalidades, sendo que algumas das sportistas também foram classificadas para os jogos seguintes em Atenas. O levantamento de peso foi representado pela halterofilista Maria Elizabeth Jorge, e o ténis de mesa pela amazonense Lígia Santos da Silva. O ciclismo, na categoria estrada, teve a participação da mato-grossense Janildes Fernandes Silva.

O time de handebol feminino brasileiro conquistou o ouro, em 1999, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, no Canadá. Em Sydney (2000), essa seleção mostrou ao mundo alguns dos mais expressivos talentos dessa modalidade esportiva: Aline Conceição da Silva (Chicória), Margaret Lobo Montão (Meg) e Maria José B. Salles (Zezé). Quatro anos depois, novas jogadoras negras compartilharam as dores e alegrias de defender oлимпийicamente as cores do Brasil: Alesandra Medeiros de Oliveira, Alexandra Priscilla do Nascimento, Aline Silva dos Santos, Lucila Vianna da Silva e Rosana Ferreira de Alêlua.

A atleta gaúcha Daiane dos Santos inscreveu seu nome em diferentes capítulos da história esportiva. Foi a primeira negra no mundo a alcançar medalhas na ginástica artística feminina. Batizou dois movimentos que foram incluídos em categorias de grande dificuldade no livro de regras da Federação Internacional de Ginástica: os saltos duplo *twist* carpado e duplo *twist* estendido. Conquistou para o Brasil marcas inéditas em competições ao redor do mundo e recebeu a insígnia da Ordem do Rio Branco. A

merecida notoriedade de Daiane vem estimulando a prática e a atenção dos vários segmentos sociais para essa atividade esportiva. A equipe olímpica permanente de ginástica artística do país conta ainda com o talento de Ana Paula Rodrigues, ginasta premiada com duas medalhas de ouro em recentes campeonatos sul e pan-americanos.

As Para-Olimpiadas tiveram início com os Jogos de Roma, em 1960, e a partir daí têm se transformado em evento da maior importância no calendário esportivo mundial. A presença feminina brasileira aconteceu pela primeira vez em Nova York (1984), mas foi nas competições para-olímpicas seguintes, em Seul (1988), que o Brasil apresentou ao mundo a corredora negra Adria dos Santos, considerada a melhor velocista cega da atualidade. Desde então, Adria vem cruzando diferentes e múltiplas linhas de chegada, sempre conquistando medalhas, admiração e reconhecimento por seu desempenho nas pistas de atletismo. Outra estrela começou a brilhar em Sydney (2000), onde a bandeira nacional tremulou com os recordes alcançados pela especialista em lançamento de disco, dardo e arremesso de peso Roseane Ferreira dos Santos, ex-doméstica permambucana, carinhosamente conhecida por Rosinha.

As competições em maratonas também destacaram percursos emocionantes de atletas negras brasileiras. Muitas dessas esportistas venceram obstáculos, correram contra o tempo e alcançaram recordes mundialmente inéditos nessa modalidade. Entre elas destacam-se Marlene Teixeira dos Santos Fortunato, Maria Auxiliadora Venâncio e Maria Zeferina Baldaia.

Registrar-se aqui peduenas e modestas anotações sobre um dos mais reveladores capítulos da história das afro-brasileiras, no qual, não raro, os depoimentos colhidos expressam as variantes de gênero, etnicidade e classe social como demarcadores de barreiras rumo à consagração nos pódios. Se as atividades esportivas já levam em si a ideia de superação, aqui todas as atletas ultrapassaram suas marcas para muito além das premiações. Essas citadas e tantas outras mulheres negras espalhadas por todas as regiões do Brasil projetaram trajetórias que têm como premissa não só o suor, mas, sobretudo, muita raça.